

FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EVA LEYLIANE SANTIAGO FIRMINO

**A NOVA ROTA DA SEDA COMO ESTRATÉGIA DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL DA CHINA**

RECIFE

2023

FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EVA LEYLIANE SANTIAGO FIRMINO

**A NOVA ROTA DA SEDA COMO ESTRATÉGIA DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL DA CHINA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação da Prof.Dr.Joyce Helena Ferreira da Silva.

RECIFE

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

F525n Firmino, Eva Leyliane Santiago.
A nova rota da seda como estratégia de projeção internacional da
China / Eva Leyliane Santiago Firmino. – Recife, 2023.
42 f.

Orientador: Profa. Dra. Joyce Helena Ferreira da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. China. 2. Nova Rota da Seda. 3. Cooperação. 4. Infraestrutura.
I. Silva, Joyce Helena Ferreira da. II. Faculdade Damas da Instrução
Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2023.2-006)

FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EVA SANTIAGO

**A NOVA ROTA DA SEDA COMO ESTRATÉGIA DE PROJEÇÃO
INTERNACIONAL DA CHINA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação da Prof.Dr.Joyce Helena Ferreira da Silva.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof. Dr. Joyce Helena Ferreira da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

Prof. Me. Artemis Cardoso Holmes
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

Prof. Me. David José Pereira Gonzaga
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

RECIFE

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por realizar sonhos e fazer infinitamente mais do que aquilo que pedimos ou pensamos. A minha mãe, que sempre me ensinou sobre o poder da educação. Ao meu pai, por seu apoio constante e a minha irmã por sempre acreditar em mim. As carrancudas agradeço por cada risada, vocês fizeram essa jornada ser mais leve.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Nova Rota da Seda e seus impactos geopolíticos. Proposta pela China, a iniciativa abrange uma série de projetos de investimento e desenvolvimento com foco na área de infraestrutura. A Nova Rota da Seda representa a proposta de Pequim para uma nova forma de cooperação pautada no benefício mútuo e no desenvolvimento de capacidades. Dessa forma, a iniciativa se propõe a ser uma plataforma de cooperação inclusiva que abre espaço para os países em desenvolvimento. O argumento principal do trabalho é que a Nova Rota da Seda é uma resposta chinesa a uma nova ordem que se delineia no cenário internacional. O trabalho busca analisar a Nova Rota da Seda como estratégia de inserção internacional da China, analisando suas principais iniciativas e seus desdobramentos geopolíticos.

Palavras-chaves: China. Nova Rota da Seda. Cooperação. Infraestrutura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the New Silk Road and its geopolitical impacts. Proposed by China, the initiative covers a series of investment and development projects focused on the infrastructure area. The New Silk Road represents Beijing's proposal for a new form of cooperation based on mutual benefit and capacity development. In this way, the initiative aims to be an inclusive cooperation platform that opens up space for developing countries. The main argument of the work is that the New Silk Road is a Chinese response to a new order that is taking shape on the international scene. The work seeks to analyze the New Silk Road as China's international insertion strategy, examining its main initiatives and their geopolitical developments.

Keywords: China. New Silk Road. Cooperation. Infrastructure.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CENÁRIO PRÉ CRISE: CHINA E O PROCESSO DE ABERTURA ECONÔMICA.....	9
2.1.A crise de 2008 como um marco.....	11
2.2. A resposta chinesa à crise.....	14
2.3 O pós crise e a proeminência chinesa na seara internacional.....	15
3. CICLOS HEGEMÔNICOS DE PODER.....	17
3.1. O ciclo americano: O declínio que abre espaço para novos atores.....	19
4. A NOVA ROTA DA SEDA: UMA PLATAFORMA DE COOPERAÇÃO.....	26
4.1. Projetos de destaque.....	30
4.2. A Nova Rota da Seda: O delineamento de uma nova ordem.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cinturão Econômico da Rota da Seda e Nova Rota da Seda Marítima....	29
Figura 2 - Corredores Econômicos Internacionais	30
Figura 3 - Projetos de ferrovias de alta velocidade chinesa.....	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a Nova Rota da Seda e seus desdobramentos geopolíticos na configuração de uma nova ordem mundial pós-2008. A iniciativa faz alusão a milenar rota da seda, conjunto de rotas de extrema importância que uniam o extremo Oriente ao Ocidente há mais de cinco mil anos. A Nova Rota da Seda faz parte da estratégia chinesa de resposta a um novo contexto mundial que se delineia e integra um ambicioso plano de investimentos, com foco na área de infraestrutura.

Essa nova conjuntura internacional teve início após a crise de 2008, que levou a um enfraquecimento das potências ocidentais. Em âmbito regional começam a surgir potências locais, o que abriu espaço para a ascensão de novos atores. Nesse contexto multipolar, a China assumiu um papel de total importância, visto que o país passou a demonstrar um interesse cada vez maior em se projetar globalmente. Nesse sentido, a Nova Rota da Seda assume um papel de extrema relevância, ela é um dos instrumentos utilizados por Pequim com o objetivo de fortalecer a cooperação regional e, internacionalmente, sua posição geopolítica.

Dessa forma, o trabalho se propõe a analisar a instrumentalização da Nova Rota da Seda como parte da estratégia de projeção internacional da China. Também busca-se compreender como a iniciativa se alinha aos interesses econômicos de Pequim, a partir do estudo dos seus principais mecanismos. A metodologia empregada para alcançar tais objetivos é a metodologia qualitativa, baseada em estudo de casos e análise de conteúdo.

No primeiro capítulo, procura-se trazer uma contextualização histórica, retomando o cenário que levou a interdependência das economias da China e dos EUA, passando pela crise de 2008 e o reordenamento do sistema mundial no pós-2008. O capítulo descreve os desdobramentos desse cenário na política econômica da China, assim como as transformações na política externa nacional.

O segundo capítulo parte da teoria de ciclos hegemônicos de Arrighi para analisar o contexto atual. São introduzidos os principais conceitos de sua teoria, como hegemonia e as fases dos ciclos hegemônicos. A partir dessas lentes, o capítulo examina o quadro atual, abordando a ascensão e declínio da hegemonia americana e o subsequente desenho de uma nova conjuntura capitaneada pela liderança chinesa.

O último capítulo procura investigar as características da Nova Rota da Seda, traçando um paralelo histórico entre a antiga rota, e sua importância para o período, e o desejo de Xi Jinping em reavivar a conectividade de outrora. São examinados os principais mecanismos da iniciativa, assim como os setores foco de sua atuação. São apresentados os principais projetos e seus desdobramentos a nível local e internacional. Por fim demonstrasse o alinhamento da iniciativa com os interesses da China.

2 CENÁRIO PRÉ CRISE: CHINA E O PROCESSO DE ABERTURA ECONÔMICA

A Nova Rota da Seda como estratégia de inserção internacional da China é fruto de um desenvolvimento histórico muito intenso do país. Durante muitas décadas a China adotou uma política cujo foco eram suas questões internas. O retorno do país a uma posição de destaque no cenário internacional é fruto de um processo de abertura econômica iniciado por Deng Xiaoping (CHI, 2010). Deng defendia que para atingir a modernização, a China deveria passar por alguns reordenamentos econômicos visando a atração de tecnologias e capitais. Dessa forma, o líder chinês implementou uma série de reformas cujo objetivo era promover modernização, tendo como um dos pilares principais a incorporação e a difusão tecnológica (LYRIO, 2010).

Por entender a necessidade da abertura da China ao exterior, Deng Xiaoping deu início a uma gama de políticas que levaram a uma "orientação para fora" da produção econômica chinesa. Dentre essas políticas, tem-se a instalação de zonas econômicas especiais (ZEES). As ZEES eram regiões especiais, localizadas principalmente na costa chinesa, que continham uma série de incentivos fiscais, com infraestrutura adequada e até mesmo uma taxa de câmbio especial, diferente das praticadas no resto do país.

O objetivo das Zonas econômicas especiais era atrair capital e indústrias estrangeiras, o que conseqüentemente gerou o aumento das exportações. Deng Xiaoping visava captar elementos capitalistas para dar curso ao processo de modernização da economia chinesa (ARAÚJO, BRANDÃO e DIEGUES, 2018). Um dos destaques da política implementada por Deng Xiaoping foi seu foco na transferência tecnológica. As empresas estrangeiras que entravam no país eram levadas a assumir o compromisso de transferência tecnológica para as empresas nacionais, como parte das condições implementadas pelo governo. O objetivo era que a vinda das empresas estrangeiras gerasse aprendizado para as empresas locais e permitisse a modernização da indústria nacional.

Segundo Knoth (2000), a implementação das zonas econômicas especiais foi uma política bem-sucedida quanto ao seu objetivo de atrair capital estrangeiro para a economia chinesa. Os benefícios e subsídios oferecidos pelo governo - assim como a ampla oferta de mão de obra do mercado chinês - levaram ao sucesso da política implementada por Deng.

Deng Xiaoping também buscou estabelecer uma política cambial de desvalorização da moeda chinesa frente ao dólar. O objetivo era garantir que os produtos chineses chegassem ao mercado consumidor com preços competitivos. Através dessa política, os produtos eram comercializados por um valor mais baixo, de maneira que a produção chinesa tinha uma alta competitividade no comércio mundial. Esse processo incentivou um deslocamento massivo das cadeias de produção para a China.

As políticas implementadas pelo governo e o processo de abertura que se seguiu, levaram a uma aproximação do país com os Estados Unidos. Atraídas pelos incentivos do governo chinês, diversas empresas americanas passaram a instalar-se na China. Segundo Pautasso (2011) o processo de aproximação com os EUA, especialmente a partir de 1970, foi extremamente benéfico para a China. Em 1980 a China recebeu o título de nação mais favorecida pelos Estados Unidos. Com o recebimento do título, o país passou a ser favorecido com a redução de uma gama de tarifas, o que contribuiu de modo ainda mais significativo para o aumento das exportações chinesas e para a integração do país às cadeias de produção globais.

A potência asiática tornou-se membro de organizações multilaterais, ampliando sua inserção no sistema internacional. Um dos marcos dessa nova fase foi a entrada da China na OMC, em 2001 - tal movimento ampliou o acesso chinês aos mercados globais. Outro benefício conquistado com a entrada na organização foi a redução de barreiras e tarifas, o que tornou os produtos chineses mais competitivos.

Se a promoção das exportações começou a figurar entre os objetivos prioritários do Governo chinês a partir de começos dos anos 1990, foi a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001, que impulsionou de vez a participação chinesa no comércio mundial (Lyrio, 2010, p. 47).

Através desse processo, a economia chinesa passou a ser extremamente focada no mercado externo, exportando seus produtos para atender a demanda dos mercados ocidentais, em especial o americano. Nesse momento, surge uma relação de íntima interdependência entre os dois atores.

A política de Deng Xiaoping, de "Orientação para fora" da economia chinesa, foi mantida por seus sucessores Jiang Zemin e Hu Jintao. Esse contexto vai ser

radicalmente transformado com o advento da crise de 2008 e a ascensão de Xi Jinping ao poder em 2013, visto o novo momento da economia mundial e a necessidade de Pequim de se reposicionar no âmbito global.

2.1.A crise de 2008 como um marco

Em 2008 iniciou-se nos Estados Unidos o que viria a ser uma das crises mais marcantes da economia mundial. Em um cenário internacional globalizado, não demorou muito até seus impactos serem sentidos no mundo inteiro. Devido à íntima relação da economia mundial com a economia americana, os efeitos da crise tiveram uma rápida transmissão, em especial junto aos seus principais aliados.

A crise de 2008 abalou a economia mundial, seus desdobramentos alcançaram os principais mercados, dentre eles, o mercado Asiático não saiu ileso. Muitos países da região tinham suas economias intensamente direcionadas ao mercado externo. Em especial a China, cuja economia era fortemente atrelada à exportação. Os principais destinos da sua produção eram justamente as regiões mais afetadas pela crise, a Europa e o próprio Estados Unidos.

No cenário pré-crise, as economias da China e dos Estados Unidos se encontravam interligadas graças à relação oferta x demanda. Por um lado, a China possuía uma grande capacidade produtiva orientada para a exportação. Os setores produtivos, focados no mercado externo, se desenvolveram de maneira significativa e se tornaram um dos componentes mais importantes do mercado de trabalho chinês (FANG, MEIYAN e YANG, 2009). Em contrapartida, o mercado americano possuía uma alta demanda, fruto da abundância de crédito disponível. Dessa forma, a produção chinesa passou a ser majoritariamente exportada para os Estados Unidos, graças ao excesso de consumo desse mercado.

Com o aumento cada vez mais expressivo da demanda americana, a China viu seu excedente de capital aumentar exponencialmente. Tal excedente passou a ser enviado aos Estados Unidos como forma de poupança, essencialmente na compra de títulos do tesouro americano. De um lado, havia o consumo excessivo dos países desenvolvidos, e do outro a poupança excessiva dos países asiáticos, marcadamente da China. Esse cenário é caracterizado por Chi (2010) como desequilíbrio estável, período que teria durado mais de dez anos até a eclosão da crise.

Com o desencadear da crise, houve uma expressiva diminuição da demanda por parte dos países Ocidentais, o que afetou diretamente a produção chinesa, visto que a grande expansão de sua economia havia sido amplamente impulsionada pelo alto nível de consumo dos países desenvolvidos. O crescimento do país era, em grande medida, sustentado pela exportação do excesso de sua capacidade produtiva.

No entanto, o impacto da crise financeira na economia chinesa ocorre principalmente através do canal de transmissão de segunda ordem. O abrandamento do crescimento econômico nas principais economias levou ao declínio da procura por produtos chineses, o que por sua vez contribuiu para a economia chinesa desacelerar¹ (Fang, Meiyang e Yang, 2009, p. 7).

A crise de 2008 afetou a economia mundial de forma drástica. Seus impactos econômicos levaram os países desenvolvidos a adotarem medidas de maior controle do fluxo financeiro. A necessidade de aplicação de capital dentro dos mercados nacionais levou à redução do envio de recursos aos países em desenvolvimento. Houve uma queda expressiva nas saídas de capital para mercados emergentes, o que consequentemente gerou mudança na alocação de investimentos. Nesse contexto, o comércio global foi fortemente afetado. O financiamento comercial e de certo modo, todos os tipos de comércio na área de bens e serviços foram impactados.

A Ásia se encontrava em um momento de alta dependência do fluxo de capital vindo dos países desenvolvidos. Quando o fluxo do capital estrangeiro teve o seu curso invertido, a economia asiática também se viu afetada. Essa inversão levou a uma contração do crescimento do crédito, assim como o crescimento monetário, o que prejudicou os investimentos na região (CHI, 2010).

Embora não tenha escapado ilesa, os efeitos da crise na China foram limitados. O país foi afetado de forma indireta visto que seu sistema econômico não estava contaminado com os "títulos podres" que levaram à crise financeira. As consequências sentidas no país viriam as de ordem colateral, que surgem devido a diminuição da demanda e do crédito. Alguns fatores foram essenciais para que os impactos fossem percebidos de forma muito branda na economia nacional. Segundo

¹ Tradução livre. Original: " However, the impact of the financial crisis on the Chinese economy occurs mainly through the second order transmission channel. The slowdown of economic growth in the main economies led to declining external demand for Chinese products, which in turn contributes to the Chinese economic slowdown".

Chi (2010) dentre os principais pontos está a forte regulação do governo em relação aos bancos.

Do ponto de vista do risco sistêmico, os bancos chineses são, por padrão, mais seguros do que seus equivalentes ocidentais devido à propriedade governamental, regulamentações rigorosas e sua falta de sofisticação, o que os impede de se envolverem em investimentos altamente alavancados e desenvolvimento de produtos. A conta de capital fechada da China, que impede o livre fluxo de capital de portfólio, e seu sistema bancário altamente controlado, significam que seus bancos estão protegidos contra as turbulências financeiras globais² (Chi, 2010, p. 82).

Visto que, em sua maioria, os bancos comerciais chineses eram pertencentes diretamente ou majoritariamente ao governo, existia relativa garantia do Estado em relação ao sistema bancário. Dessa forma, quando a crise surgiu, não houve um colapso do sistema bancário chinês. Diferentemente dos processos ocorridos nos Estados Unidos e na Europa, na China não houve nenhum tipo de crise de confiança no sistema bancário tampouco alteração no fluxo de crédito no sistema bancário chinês.

Outro fator importante foi a implementação das medidas tomadas pelo governo para combater a crise. O governo chinês se posicionou de maneira assertiva, com políticas anticíclicas que levaram o país a uma reorientação das suas estratégias de desenvolvimento econômico (CHI, 2010).

2.2. A resposta chinesa à crise

O cenário pós-2008 vai marcar a estratégia de desenvolvimento da China levando a mudanças muito significativas. Até então, Pequim buscava alinhamento com as políticas e estratégias econômicas de Washington (CASTILHO, 2021) visando angariar benefícios econômicos. Outro fator relevante é que os governantes chineses também buscavam no modelo americano a oportunidade de aprendizagem para os diversos atores públicos e privados da economia chinesa.

Com a recessão que se seguiu, o governo chinês passou a enxergar as práticas capitalistas com desconfiança. Em especial, a falta de habilidade americana em regulamentar seu próprio sistema bancário. A falha dos Estados Unidos em

² Tradução livre. Original: "From a systemic risk perspective, the Chinese banks are by default safer than their western counterparts because of government ownership, heavy regulations and their lack of sophistication, which bar them from getting involved in highly leveraged investments and product development. China's closed capital account, which bars free flow of portfolio capital, and its heavily controlled banking system mean that its banks are insulated from the global financial turmoil".

prever o problema danificou a imagem americana de um governo eficiente e capaz de regular seu sistema financeiro (CHOW, 2010).

A crise vai desencadear a reestruturação da economia chinesa. Dentre as estratégias adotadas pode-se ressaltar o redirecionamento do excedente de produção para o seu próprio mercado consumidor, aumentando o consumo interno. O governo chinês promoveu a ampliação do crédito e a redução das taxas de juros. O país também implementou ações de cunho social visando o crescimento doméstico de renda. O objetivo de todo esse movimento era promover o desenvolvimento social e garantir o acesso da população a bens de consumo mais altos, aliado a isso tem-se a expansão da proteção social. Como fruto dessas políticas, surge uma nova classe média na China (CHOW, 2010).

Outra estratégia fundamental implementada por Pequim foi a diversificação do destino de seu excedente de capital. Anteriormente esse excedente era majoritariamente direcionado aos Estados Unidos; com a reestruturação chinesa, novos mercados passaram a ser considerados. O governo chinês passou a buscar desatrelar as políticas nacionais do modelo americano promovendo maior independência.

No setor produtivo o país, que antes tinha foco na confecção de produtos de mão de obra intensiva, passou a empregar altas somas de capital no desenvolvimento de tecnologia. Ocorre um momento de forte investimento na área de tecnologia por parte do governo. A China deu curso a implementação de uma série de subsídios e incentivos fiscais visando o crescimento do setor. A área de pesquisa e desenvolvimento também foi alvo de tais políticas, o governo passou a incentivar empresas a investir em inovação (HIRATUKA, 2017).

As áreas de educação e treinamento também foram priorizadas nesse momento, com o objetivo de gerar mão de obra qualificada para o setor. As políticas implementadas pelo governo impactaram significativamente o setor de tecnologia, levando ao crescimento de empresas como Huawei, Tencent e Alibaba, gigantes chinesas que hoje estão presentes no mundo todo. A atuação dessas empresas e sua relevância internacional expressam um novo momento de proeminência chinesa no cenário global. As estratégias de desenvolvimento econômico se provaram eficientes, o país teve resultados econômicos muito positivos angariando uma posição estratégica regional e internacionalmente.

2.3 O pós crise e a proeminência chinesa na seara internacional

Enfrentando um cenário econômico de aumento exponencial do desemprego e da dívida pública, tanto das empresas como das famílias, os Estados Unidos se viam em uma posição controversa (SILVA, 2021). A crise limitou a capacidade americana de financiamento e investimento ao redor do mundo. O espaço antes ocupado pelos Estados Unidos como financiador global vai dar oportunidade à atuação de novos países. Em certa medida, esse espaço passou a ser preenchido por uma China com cada vez mais liquidez, fruto do sucesso de suas reformas e das altas reservas de dólares mantidas pelo país.

Os países ocidentais se viam concentrados em uma série de políticas de combate à crise, marcadamente centradas em seus mercados internos. Enquanto a China crescia economicamente a um ritmo cada vez mais acelerado. O país tinha suas capacidades econômicas ampliadas consideravelmente enquanto atores como os EUA viam seu poder relativo declinar (SILVA, 2021).

A crise de 2008 impactou a China não apenas em termos econômicos, mas também engatilhou uma série de mudanças estruturais na política externa chinesa. É nesse contexto que se tem o surgimento de diversas iniciativas como a Nova Rota da Seda, foco de pesquisa deste trabalho. As novas estratégias chinesas conduziram o país a uma nova posição no cenário internacional.

Graças ao seu exponencial crescimento econômico, a China atingiu reservas consideráveis de capital. Esse excedente vem sendo instrumentalizado pelo país em suas estratégias de política externa. Pequim tem angariado uma posição cada vez mais proeminente no âmbito de investimentos, tornando-se um dos maiores fornecedores de investimento direto externo. Esse contexto tem viabilizado os diversos investimentos capitaneados pela Nova Rota da Seda. Atualmente a atuação chinesa como provedora de investimentos se espalha pela Ásia, América e especialmente pela África, onde o país tem colaborado com os atores da região em projetos nas mais diversas áreas, o que leva à aproximação do país com diversos atores.

Os desdobramentos da crise de 2008 vão alçar a China a um patamar de grande player global. Ocorre um significativo aumento da influência regional do país ligado principalmente aos financiamentos e investimentos ofertados. O país assume um papel fundamental na região centralizando os fluxos do comércio, assim como o

fluxo de investimento. No âmbito diplomático, o país passa a reocupar sua posição central na Ásia, promovendo o fortalecimento das iniciativas multilaterais na região (PAUTASSO, 2011).

A China direciona sua política externa de forma a implementar estratégias mais assertivas. Percebe-se a intensificação da atuação chinesa na Ásia e nos países da região. Com a chegada de Xi Jinping ao poder, o país vai buscar implementar iniciativas de cooperação cada vez mais ambiciosas.

A Nova Rota da Seda tem um papel essencial nesse cenário, pois marca uma transformação da diplomacia chinesa. O novo momento liderado por Xi Jinping é caracterizado pela busca por maior inserção do país no cenário internacional. A iniciativa é uma das bases da estratégia geopolítica da China (HIRATUKA, 2017).

Segundo Morgenthau (2003) quando há o aumento das capacidades de poder de uma potência e a perda do poder relativo de outra, há uma alteração na balança de poder. A crise de 2008 vai desencadear transformações importantes na balança de poder mundial.

A partir do declínio do poderio dos Estados Unidos no sistema internacional, abre-se espaço para novos atores e a ascensão de potências regionais. Em decorrência desse movimento, observa-se uma redistribuição de poder no sistema internacional. Nesse contexto, a China encontra uma importante oportunidade de projeção no sistema internacional.

3 CICLOS HEGEMÔNICOS DE PODER

O presente trabalho tem como referencial teórico o trabalho de Giovanni Arrighi (2007) e sua teoria de ciclos hegemônicos de poder. O primeiro conceito essencial na teoria de Arrighi é o de hegemonia mundial. Segundo o autor, a hegemonia se refere ao poder de um Estado de exercer as funções de liderança e governança em um sistema de Estados soberanos. Historicamente esse poder hegemônico atua de forma a transformar o modo de funcionamento do sistema internacional de maneira definitiva (ARRIGHI, 2010).

Hegemonia abrange mais do que a mera dominação dos outros atores do sistema, o Estado hegemônico também possui a liderança moral e intelectual do sistema, moldando as instituições de forma a garantir benefícios próprios. Essa relação envolve dois conceitos primordiais, a coerção e o consentimento. A coerção aponta para o uso da força ou uma ameaça real do uso da força, já o consentimento envolve a liderança moral (ARRIGHI, 2010). Um Estado pode se tornar hegemônico ao ser percebido pelos outros Estados como a força motriz da expansão do poder coletivo dos outros Estados do sistema.

Um Estado dominante exercita a função hegemônica se ele lidera o sistema de Estados em uma direção desejada e, ao fazer isso, é percebido como perseguindo um interesse geral. É esse tipo de liderança que faz o Estado hegemônico dominante. Mas um Estado dominante pode liderar também no sentido de atrair outros Estados em direção ao seu próprio caminho de desenvolvimento³ (Arrighi, 2010, p.46).

Segundo Arrighi (2010) as hegemonias mundiais não surgem e entram em colapso numa ordem aleatória de fatos. Para ele, existe uma ordem estrutural que explica a ascensão e queda das potências. As reestruturações do sistema são recorrentes e tem como pivô a ascensão de novos Estados hegemônicos, formando o que o autor chama de ciclos hegemônicos de poder. O conceito de ciclos sistêmicos visa descrever a formação, consolidação e desintegração dos regimes mundiais. Os ciclos se referem a ascensão e queda de regimes de acumulação de capital e hegemonia no cenário internacional (OURIQUES, 2012).

³ Tradução livre. Original: A dominant state exercises a hegemonic function if it leads the system of states in a desired direction and, in so doing, is perceived as pursuing a general interest. It is this kind of leadership that makes the dominant state hegemonic. But a dominant state may lead also in the sense that it draws other states onto its own path of development.

Arrighi (2010) conceituou quatro ciclos sistêmicos, os quais nomeou de acordo com o hegemon dominante de cada época. Em primeiro lugar ele aponta o ciclo genovês, que durou do século XV até o início do século XVII. O segundo ciclo seria o ciclo holandês, que vai do início do século XVI até grande parte do século XVIII. O terceiro ciclo seria o ciclo britânico que abarca desde a segunda metade do século XIX até o começo do século XX. O último ciclo é o ciclo norte-americano, que segundo o autor se encontraria na fase de expansão financeira.

Cada ciclo se inicia através de um momento de expansão material e comercial (D-M), esse momento é interrompido por um momento de crise do capitalismo, o que abre espaço para a expansão financeira desse ciclo (M-D'). Essa fase leva a uma última crise e logo ao fim do ciclo (PEREIRA e SARDO, 2022)

O aspecto central desse padrão é a alternância de épocas de expansão material (fases DM de acumulação de capital) com fases de renascimento financeiro e expansão (fases MD'). Em fases de expansão material, o capital material "coloca em curso" uma massa crescente de produtos (incluindo a força de trabalho e bens naturais, tudo transformado em mercadoria); e nas fases de expansão financeira, uma crescente massa de capital monetário "liberta-se" da sua forma de mercadoria, e a acumulação segue através de acordos financeiros (como na fórmula de Marx DD'). Juntas essas duas épocas, ou fases, constituem um completo ciclo sistêmico de acumulação (DMD')⁴ (Arrighi, 2010, p.6).

O ciclo de expansão material abrange o período de consolidação da potência hegemônica, onde ela passa a controlar cada vez mais o fluxo de produtos e de força de trabalho. Nessa fase, a acumulação e multiplicação do capital se dá pela produção de mercadoria e bens. Na fase de expansão financeira, ocorre uma inversão de valores. A acumulação de capital sai da esfera produtiva e migra para a esfera financeira. Nesse momento as contradições do sistema se potencializam, surgem atores concorrentes que vão disputar a hegemonia (OURIQUES, 2012).

A fase de expansão financeira é uma fase de mudanças, onde o crescimento pela via produtiva atingiu seu limite de reprodução, logo o capital precisa se deslocar para outras vias de desenvolvimento. Esse processo se dá através de reestruturações e reorganizações radicais do sistema capitalista (ARRIGHI, 2010).

⁴ Tradução livre. Original: The central aspect of this pattern is the alternation of epochs of material expansion (MC phases of capital accumulation) with phases of financial rebirth and expansion (CM' phases). In phases of material expansion money capital "sets in motion" an increasing mass of commodities (including commoditized labor-power and gifts of nature); and in phases of financial expansion an increasing mass of money capital "sets itself free" from its commodity form, and accumulation proceeds through financial deals (as in Marx's abridged formula MM'). Together, the two epochs or phases constitute a full systemic cycle of accumulation (MCM').

No início de cada expansão financeira ocorre uma crise sinalizadora. A potência dominante se vê impossibilitada de reproduzir sua lucratividade através dos instrumentos produtivos de acumulação. Ao sentir sua lucratividade pressionada, buscam formas diferentes de reprodução do capital e poder. Nesse contexto, as potências tendem a iniciar projetos expansionistas de mercados - o que, muitas vezes, envolve conflitos armados.

Segundo Arrighi (2010), a potência hegemônica encontra na expansão financeira a possibilidade de fazer perdurar sua dominação. Historicamente, essa fase sempre leva a uma crise sistêmica subsequente. Segundo sua análise, essa fase aponta para o aprofundamento da crise e a conseqüente derrocada desse regime para a ascensão de um novo.

O adensamento da expansão financeira leva a uma liquidez cada vez maior nos mercados financeiros, tal liquidez é absorvida pelos Estados na forma de endividamento. Esse cenário leva a uma perda cada vez mais evidente de controle do Estado hegemônico (tendo como perspectiva a sua capacidade de ordenamento do sistema internacional). Tal fator culmina na ascensão de uma nova hegemonia, o que caracteriza a crise terminal do ciclo hegemônico.

3.1. O ciclo americano: O declínio que abre espaço para novos atores

A atual ordem hegemônica americana teve início no pós segunda guerra mundial, com o declínio da ordem britânica. Incapaz de perpetuar os elementos essenciais a sua atuação como ator hegemônico, a saber coerção e consenso, o Reino Unido viu-se esvaído de seu poder para dar espaço à ascensão de uma nova potência. O fim da guerra fria, causado pelo esfacelamento da União Soviética, consolidou o processo de ascensão americano.

O sistema passa por uma reestruturação cujos princípios passam a ser estabelecidos pelo novo hegemom. O estabelecimento de instituições como Bretton Woods demonstra a configuração de um novo regime monetário cujas bases estariam centradas nos EUA. A superioridade militar do país é demonstrada através do uso de tecnologias disruptivas como o uso da bomba nuclear em Hiroshima e Nagasaki. São estabelecidas organizações internacionais que visam reger o sistema como a ONU (ARRIGHI e SILVER, 2001).

Dessa forma tem-se o delineamento de uma nova ordem mundial centrada no poderio americano. Um dos pilares dessa nova ordem foi a exportação do modelo de Keynesianismo social e militar. O Keynesianismo militar promoveu um gasto massivo em rearmamento dos Estados Unidos e seus aliados, além de prever a instalação de diversas bases militares ao redor do globo. O Keynesianismo social era marcado pela busca governamental do pleno emprego e do consumo de massa, essa política foi aplicada em grande escala no Ocidente. Já no Sul global a palavra de ordem era desenvolvimento (ARRIGHI, 2007).

Segundo Pereira e Sardo (2022), o sistema americano passou por um período de franca expansão material entre 1945 a 1973. Esse período foi marcado pela expansão do comércio e da produção, as décadas de 1950 e 1960 ficaram conhecidas como a Era dourada do capitalismo. Segundo Arrighi (2007), tal expansão terminou em uma crise hegemônica. Dois fatores foram centrais nesse contexto, entre eles está a derrota americana na guerra do Vietnam, que pôs em cheque o poderio militar americano. O segundo fator foi a desarticulação do sistema de Bretton Woods, que minou a capacidade americana de regulação do sistema financeiro e monetário internacional.

A crise que se iniciou em 1973 durou até 1996 e marcou uma crise sinalizadora do sistema de americano. A crise gerou forte pressão sobre os lucros, o que levou a expansão financeira americana. Esse período foi caracterizado pela retração do comércio internacional (por causa da flexibilização das taxas de câmbio), pela desvalorização do dólar e pelo fluxo constante de capitais internacionais. Nesse contexto, a taxa de lucro das empresas americanas se encontrava pressionada, especialmente pelo aumento da competição internacional (ARRIGHI, 2007).

As empresas americanas começaram a se reestruturar para competir de forma mais eficiente com as empresas japonesas na exploração da Ásia Oriental, rica em mão de obra e recursos empresariais, não apenas através de investimento direto mas também, especialmente, através de todo tipo de arranjos de sub-contratação em estruturas organizacionais de integração frouxa. [...], essa tendência levou a substituição de empresas integradas verticalmente como a General Motors, por modelos de terceirização, como

a Wal-Mart, como principais organizações empresariais americanas⁵ (Arrighi, 2007, p.353).

A dificuldade de estabelecer o nível anterior de lucratividade levou a uma reestruturação das empresas americanas. Em busca dos níveis anteriores de lucratividade, a indústria americana se moveu em direção a Ásia, em um sistema de terceirização que tirava proveito da ampla mão de obra asiática, cujo custo era consideravelmente inferior à mão de obra Ocidental. Esse processo causou a desindustrialização das economias desenvolvidas.

A lucratividade dos países desenvolvidos foi uma das grandes vítimas da crise. Incapazes de manter o nível de crescimento anterior, os Estados passaram a repensar o seu sistema de produção. Nesse contexto, o mercado Asiático se mostrava muito atrativo, graças a sua mão de obra abundante e consideravelmente mais barata.

A busca pelo aumento da lucratividade levou diversas indústrias a migrarem de forma sistêmica para a Ásia, em busca de vantagens competitivas. Como efeito da crise, os países desenvolvidos se viam incapazes de gerar emprego e rentabilidade para suas economias nacionais. Tal cenário propiciou a ascensão de diversas disputas internacionais. Impossibilitada de atingir o nível de lucratividade anterior, a economia americana se reorientou em direção ao capital financeiro. Empréstimos internacionais e o fluxo de capitais estrangeiros passaram a ser o principal motor da economia americana, não mais o capital industrial.

Segundo Pereira e Sardo (2022) enquanto o Ocidente passava por um processo de financeirização, o leste asiático ascendia em um processo de expansão material, tal processo teria início ao redor da década de 1950. Diferente dos processos anteriores, o processo no leste asiático ocorria de forma pulverizada, sendo a China e o Japão os principais centros desse novo momento. Havia, entretanto, uma diferenciação primordial entre os dois atores. Enquanto o Japão mantinha sua soberania atrelada aos EUA, a China se constituía como Estado soberano, sendo o próprio ordenador de seu processo de expansão. Com o avançar deste processo, a China passou a ocupar uma posição cada vez mais proeminente,

⁵ Tradução livre. Original: US business began restructuring itself to compete more effectively with Japanese business in the exploitation of East Asia's rich endowment of labor and entrepreneurial resources, not just through direct investment, but also and especially through all kinds of subcontracting arrangements in loosely integrated organizational structures. As noted in Chapter 10, this tendency led to the displacement of vertically integrated corporations, such as General Motors, by subcontracting corporations, such as Wal-Mart, as the leading US business organization.

tornando-se por fim o principal centro da expansão no leste asiático (ARRIGHI, 2007).

Esse gigante que outrora estava adormecido, lidando com o desenrolar de suas questões internas, como a revolução socialista de 1949, passa a adquirir uma posição de destaque no cenário internacional. Em 1971, o país se torna membro do conselho de segurança da ONU, ampliando sua inserção nos debates internacionais. Com as reformas que tomaram curso em 1979, a China dá início a uma série de reordenamentos visando modernizar e abrir espaço ao capital estrangeiro.

Quando a ascensão chinesa decolou na década de 1990, fruto das reformas de Deng Xiaoping, o processo de liberalização atraiu o capital Ocidental. A presença de capital estrangeiro na China atingiu uma soma cada vez mais considerável. A economia chinesa embarcou no processo de financeirização americano, se aproveitando da globalização das cadeias internacionais. O excesso de consumo americano era saciado pela abundante oferta chinesa, processo que gerava superávit na balança comercial entre China e EUA. Esse movimento construiu uma relação de interdependência entre as duas economias. Grande parte do excedente dessa balança superavitária chinesa era investido na compra de títulos do tesouro público americano.

Esse cenário é alterado com a crise de 2008. A crise alcança o cenário internacional e toma proporções globais em um curto período de tempo, graças a intensa conexão das cadeias internacionais. A retração do consumo americano desencadeou o desaceleramento da produção asiática, visto a queda da demanda. O pós crise transformou o cenário econômico mundial, aprofundou o processo de questionamento da hegemonia americana quanto à sua capacidade de gerar coerção e consenso perante os outros países (PEREIRA e SARDO, 2022).

Esse cenário fortaleceu a atuação de grandes *players* regionais e possibilitou a redistribuição de poder no sistema internacional graças a essa nova dinâmica. A China, que já exercia um papel de liderança regional, passa a ser vista como uma alternativa cada vez mais importante. Surge uma nova ordem, não mais hegemônica, onde os EUA continuam como potência, mas que passa a contar com a atuação expressiva de diferentes atores, formando um sistema multipolar.

Ocorre um crescimento da interdependência dos países com a China. Uma nova ordem mundial se configura, a China passa a investir uma soma cada vez

mais expressiva em cooperação e financiamento, inicialmente no leste asiático, se expandindo para a África e em pouco tempo abrangendo todo o globo. Pautasso e Ungaretti (2017) defendem que a China está experimentando uma rápida ascensão em relação ao seu desenvolvimento e poder global. O desenvolvimento econômico acelerado do país tem contribuído para o aumento significativo das capacidades chinesas, fortalecendo a sua importância nos debates internacionais.

No leste asiático, o país tem sido pivô do processo de integração regional. A China tem assumido o papel de centro polarizador, se posicionando como liderança na Ásia, impulsionando investimentos e cooperação entre as diferentes nações. Após a crise de 2008, com a perda crescente do protagonismo japonês e a concentração dos esforços militares americanos no Ocidente e no Oriente Médio, a China emergiu como centro dos fluxos comerciais e de tomada de decisão entre as organizações regionais mais proeminentes como a Organização para a cooperação de Xangai, ASEAN+1, bancos de investimento como o AIIB, entre outros (PAUTASSO, 2011).

Nesse cenário multipolar, a China traz uma nova alternativa para as relações internacionais. A proposta chinesa busca fugir do intervencionismo fomentado pelos ciclos hegemônicos anteriores, antes se baseia na cooperação entre os países visando construir uma comunidade global aberta ao diálogo com os diferentes países que compõem o sistema.

Nós respeitamos o direito dos povos de todos os países de escolher seu próprio caminho para o desenvolvimento. Nós nos esforçamos para defender imparcialidade e justiça no cenário internacional, e nos opomos a atos que impõem a vontade de alguém sobre os demais ou interferem nos assuntos internos de terceiros, bem como na prática de intimidação dos fracos. [...] O desenvolvimento da China não representa uma ameaça para nenhum outro país. Não importa o estágio de desenvolvimento que atinja, a China nunca buscará a hegemonia ou se envolverá em expansão⁶ (Xi Jinping, 2020, p. 63).

Diferente da dominação americana, a alternativa chinesa sai do campo da imposição de uma moralidade superior. A imposição da ideologia liberal dominou o cenário internacional por muitos anos, em especial a perspectiva dos EUA do

⁶ Tradução livre. Original: We respect the right of the people of all countries to choose their own development path. We endeavor to uphold international fairness and justice, and oppose acts that impose one's will on others or interfere in the internal affairs of others as well as the practice of the strong bullying the weak [...]. China's development does not pose a threat to any other country. No matter what stage of development it reaches, China will never seek hegemony or engage in expansion.

"destino manifesto", ideologia em que os americanos se consideravam os responsáveis pela propagação da democracia no mundo. O discurso chinês aponta para o objetivo não de impor um conjunto de credos sobre outros povos, mas sim de permitir a liberdade para que cada nação trace seu caminho em prol do desenvolvimento.

Outro fator relevante é o posicionamento chinês contra a busca pela hegemonia. A China se posiciona como um ator mediador, que busca promover a colaboração e o diálogo no cenário internacional. O discurso de suas lideranças reflete o desejo de inclusão de todos os atores no diálogo da governança global, sejam países ricos ou pobres. Essa atuação é refletida através da cooperação da China no Sul global, em especial com países africanos. A atuação da China na região busca fomentar o desenvolvimento desses países através de investimentos e financiamentos.

A China segue o princípio de alcançar o crescimento partilhado através da discussão e colaboração no envolvimento na governança global. A China defende a democracia nas relações internacionais e a igualdade de todos países, grandes ou pequenos, fortes ou fracos, ricos ou pobres. A China [...] apoia os esforços de outros países em desenvolvimento para aumentar a sua representação e reforçar a sua voz nos assuntos internacionais. A China continuará a desempenhar o seu papel como país importante e responsável, a participar ativamente na reforma e no desenvolvimento do sistema de governação global e a contribuir com a sabedoria e a força chinesas para a governação global⁷ (Xi Jinping, 2020, p. 63).

Percebe-se o compromisso do país em dar voz ao Sul global. A China se engaja nas questões e desafios dos países emergentes e propõe o estabelecimento de relações de ganho mútuo, fundamentadas em pilares comuns de desenvolvimento e cooperação (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017). Nesse sentido, a política da Rota da Seda é a materialização desse discurso de cooperação e integração.

A China busca estreitar os laços de cooperação internacional através da Rota da Seda. O país almeja construir uma nova plataforma de cooperação internacional, promovendo conectividade nos âmbitos da política e infraestrutura, na área

⁷ Tradução livre. Original: China follows the principle of achieving shared growth through discussion and collaboration in engaging in global governance. China stands for democracy in international relations and the equality of all countries, big or small, strong or weak, rich or poor. China supports [...] the efforts of other developing countries to increase their representation and strengthen their voice in international affairs. China will continue to play its part as a major and responsible country, takes an active part in reforming and developing the global governance system, and keep contributing chinese wisdom and strength to global governance.

comercial e financeira, além da esfera interpessoal. Criando, desse modo, novos motores de desenvolvimento partilhado (JINPING, 2020).

Portanto, percebe-se que a teoria dos ciclos hegemônicos de Arrighi é uma importante lente de análise no esforço de compreensão do novo contexto internacional. A teoria permite a análise mais eficiente da proposta chinesa e seus impactos na nova ordem mundial que se estabelece. A Nova Rota da Seda é uma proposta com um alto potencial de transformação do status quo, seus impactos e desdobramentos serão analisados no capítulo seguinte.

4 A NOVA ROTA DA SEDA: UMA PLATAFORMA DE COOPERAÇÃO

A *'Belt and Road Initiative'*, também conhecida como a Nova Rota da Seda, foi lançada pelo presidente chinês Xi Jinping em setembro de 2013, durante sua visita ao Cazaquistão. A iniciativa consiste em um ambicioso plano de investimentos, com foco na área de infraestrutura, em diversos países da África, Ásia, Europa e até mesmo na América Latina (HIRATUKA,2017).

O projeto faz alusão a milenar rota da seda, conjunto de rotas de extrema relevância que uniam o extremo Oriente ao Ocidente há mais de cinco mil anos. Epicentro do comércio mundial, a rota colocava a China em uma posição de proeminência, fornecendo uma rede comercial que conectava diferentes povos, culturas e religiões. Abrangendo regiões como a Ásia central, Rússia, Cazaquistão, Tadjiquistão, Paquistão, Afeganistão, Índia, os Balcãs e até mesmo o Oriente Médio, a rota da seda conectava os mercados asiáticos e europeus. A tão valiosa seda chinesa era comercializada em troca de ouro e outros metais preciosos (ZHANG, 2015).

A antiga Rota da Seda começava em Xi'an (antiga Chang'an), uma das antigas capitais chinesas, e passava pelos países da região, como Afeganistão, Iraque e Síria, lançando-se pelo mediterrâneo até acabar em Roma, num total de 6,440km. A Rota da Seda era um importante rota comercial que conectava as civilizações do período. Já a rota marítima surgiu durante as dinastias Qin e Han e, ao longo do tempo, tornou-se uma rota central para o transporte e o comércio de mercadorias. O trajeto marítimo começava na costa sudoeste da China, passando pelo mar do Sul da China, chegando ao Oceano Índico e ao Golfo Persa. A rota chegava a alcançar o leste africano e a Europa (ZHANG, 2015).

O projeto lançado por Xi Jinping visa retomar a interconectividade da antiga rota. A proposta é reavivar e ampliar as rotas e conexões entre os países da Ásia Oriental, em especial as conexões entre a Ásia e Europa, garantindo uma melhor conectividade entre as regiões. A atual proposta chinesa consiste na construção de um cinturão econômico continental e de uma rota marítima.

O Cinturão Econômico é baseado em uma série de conexões terrestres, enquanto a rota marítima busca promover a criação de um corredor marítimo. Segundo Cai (2017), o objetivo do cinturão econômico é conectar o interior da China ao continente europeu através da Ásia central. Já a rota marítima conecta a região

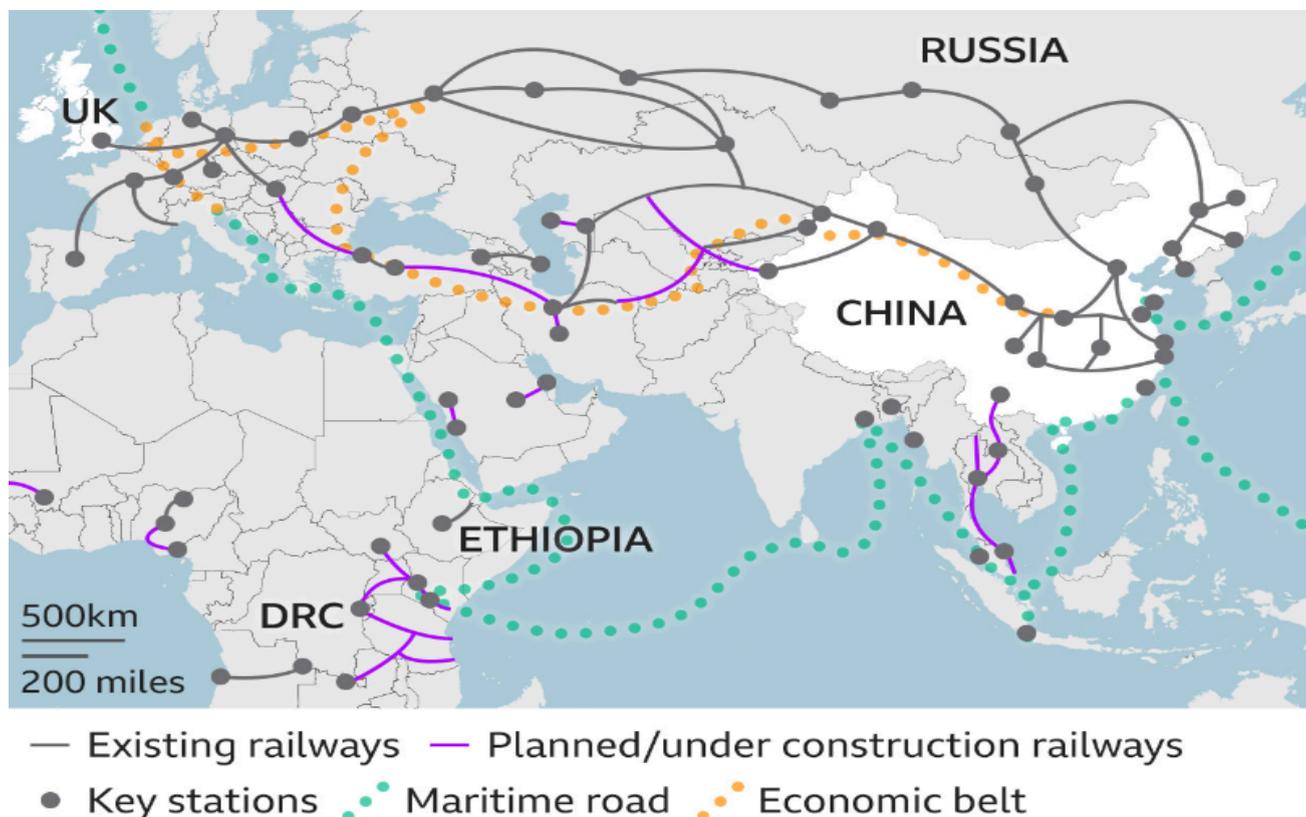
da Europa, África e Sudeste asiático e as províncias do Sul da China através de uma complexa rede de portos e ferrovias.

No tocante ao Cinturão econômico continental, destacam-se três rotas: A primeira delas conecta a China e a Europa por meio da Ásia Central e da Rússia. A segunda conecta a China ao Oriente Médio através da Ásia Central. Enquanto a terceira conecta a China, o Sudeste Asiático, a Ásia Meridional e o Oceano Índico.

A Rota da Seda Marítima é composta por duas rotas principais. A primeira delas integra China e o continente europeu através do Mar do Sul da China e do Oceano Índico. A segunda rota conecta a China, o Pacífico Sul e o Mar do Sul da China (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

Segundo Zhang (2015) a Rota da Seda marítima visa não só promover a criação de um corredor marítimo seguro e aberto, mas busca construir um cinturão econômico costeiro, unindo esforços dos seus parceiros de modo a criar espaços para o desenvolvimento através da articulação portuária e marítima.

Figura 1 - Cinturão Econômico da Rota da Seda e Nova Rota da Seda Marítima



Fonte: BBC, (2023)⁸

⁸ Disponível em: Belt and Road Initiative: Is China's trillion-dollar gamble worth it? - BBC News. Acesso em: 15 de Nov. 2023.

Levando essas rotas em consideração, a China visa utilizar a infraestrutura global já existente em termos de portos, aeroportos, centros urbanos estratégicos, etc, de modo a estabelecer seis corredores econômicos internacionais, são eles: 1) China-Mongólia-Rússia; 2) Nova ponte terrestre Euroasiática; 3) China-Ásia Central-Ásia Ocidental; 4) Bangladesh-China-Índia-Mianmar; 5) China-Península Indochina; 6) China-Paquistão (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

Figura 2 - Corredores Econômicos Internacionais



Fonte: AEC, 2018⁹

Segundo dados da Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento (CNRD), até o final de 2019, um total de 137 países e 30 organizações internacionais haviam assinado cerca de 199 acordos de cooperação bilateral com a China para a construção conjunta da Nova Rota da Seda. No mesmo período, o valor total do comércio de mercadorias entre a China e seus parceiros da Nova Rota da Seda excedeu 7,8 trilhões de dólares, sendo o investimento da China nesses países acima de US\$110 bilhões.

Abrangendo uma série de projetos de investimento e desenvolvimento, a iniciativa contempla a criação de uma vasta malha de ferrovias e rodovias. Aeroportos, oleodutos, gasodutos e linhas de transmissão de comunicação também

⁹ Disponível em: <http://www.ace-cargadores.com/2018/01/11/obor-la-gran-apuesta-logistica-de-china-por-dominar-el-comercio-mundial/>. Acesso em: 15 Nov. 2023.

estão incluídos no projeto. A Nova Rota da Seda prevê, ainda, a restauração de portos marítimos promovendo a interconexão e facilitando o comércio entre países (CAI,2017).

A conectividade é um dos pilares da estratégia da Rota da Seda. Especificamente, ela se refere a uma forma multifacetada, tridimensional e em forma de rede que possibilita a comunicação de políticas, instalações, negociações, fundos, e sentimentos das pessoas. Para alcançar isso, é necessário construir uma ligação global de infraestruturas, regulamentações e comunicação de pessoal, bem como uma rede de infraestrutura que se estenda em todas as direções¹⁰ (Zhang, 2017, p.19).

A questão da infraestrutura é um grande problema para países em desenvolvimento. Muitas vezes esses países não tem portos, rodovias e redes de comunicação eficientes. Existe, no cenário internacional, uma deficiência no financiamento de projetos de infraestrutura para esses Estados, em especial no que tange instituições privadas de financiamento. Atrair investimentos na área de infraestrutura, construção e projetos de longo prazo é uma tarefa árdua para os países emergentes. Esses problemas geram gargalos em setores essenciais como nas cadeias logísticas, comerciais, assim como no setor de serviços e investimentos. Portanto, investir em infraestrutura é fundamental para o desenvolvimento dessas nações (ZHANG, 2015). Nesse contexto, a Nova Rota da Seda se torna uma alternativa promissora pois visa suprir tal demanda.

Além de fomentar investimentos, a iniciativa visa a criação de organismos de financiamento cooperativos e de instituições financeiras. Tem destaque a criação do Novo Banco de Desenvolvimento, também conhecido como “Banco do BRICS”, Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), Consórcio Interbancário da Organização de Cooperação de Xangai (SCO), além do Fundo da Rota da Seda, patrocinado pela China (ZHANG, 2015).

A criação desses organismos demonstra o interesse Chinês em promover novas alternativas aos mecanismos de financiamento já existentes. O Fundo da Nova Rota da Seda, o AIIB e a criação de outras instituições de cooperação financeira, são esforços para a construção de um sistema financeiro estável, sustentável e diversificado (CNRD, 2020). O discurso chinês enfatiza a promoção de

¹⁰ Tradução livre. Texto original: Connectivity are pillars of the Belt and Road strategy. Specifically, they refer to a multi-facet, three-dimensional and network shape linking that makes possible for the communication of policies, facilities, trades, funds, and feelings of people. To realize that, the construction of an all-round linkage of infrastructure, regulations and personnel communication is required, and an infrastructure network that extends in all directions.

uma cooperação aberta, pautada nas relações de benefício mútuo. O objetivo é conectar-se com seus parceiros nos âmbitos econômico, político, securitário e cultural.

Percebe-se uma reconfiguração da ordem mundial, na qual a China assume um papel cada vez mais proeminente. O país passa a se inserir de forma mais intensiva nas instituições e mecanismos multilaterais globais. A Nova Rota da Seda representa a proatividade chinesa em se posicionar como um player importante no cenário internacional. A iniciativa é uma alternativa, que se bem-sucedida, alça a liderança chinesa na região a uma posição estratégica, ao passo que a influência americana é eclipsada. Esse cenário resultaria em uma mudança substancial na balança de poder em escala global (PAUTASSO, 2017).

4.1. Projetos de destaque

A Nova Rota da Seda desdobra-se em diversos projetos regionais, em especial, projetos focados em telecomunicação, transporte, infraestrutura e energia. Uma das principais iniciativas é o corredor econômico entre China e Paquistão (CPEC). O objetivo é estabelecer conexões que abrangem desde o extremo oeste da China até o Paquistão, chegando ao porto de Gwadar (CAI, 2017). O CPEC tem uma extensão total de 3 mil quilômetros, conectando o Cinturão Econômico da Rota da Seda ao norte e a Rota da Seda Marítima ao Sul.

O CPEC envolve um conjunto amplo de iniciativas em setores estratégicos como logística, desenvolvimento urbano, recursos energéticos, etc. No âmbito energético, diversas usinas de energia estão sendo construídas no Paquistão, abrangendo tanto hidrelétricas como usinas movidas a carvão. Destaca-se a construção de uma usina movida a carvão no Porto de Qasim. Em termos de transporte, tem destaque a construção da estrada de Karakoram que liga Kashgar, na China, a Gwadar no Paquistão, e a revitalização da ferrovia ML-1, uma das principais do país (CAI, 2017).

A revitalização e ampliação do porto de Gwadar é um dos maiores projetos do CPEC. O porto tem uma posição estratégica, dada sua proximidade com o golfo persa. No âmbito econômico destaca-se a criação de Zonas econômicas especiais (ZEES) que buscam promover a industrialização e facilitar o comércio, oferecendo incentivos para as empresas que tenham interesse em atuar no Paquistão.

Outro importante exemplo é o corredor econômico China-Ásia Central-Ásia Ocidental, que interliga a China e a Península Árabe. Uma das propostas desse corredor é interconectar os sistemas ferroviários da China, Cazaquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Turquia. Sendo um dos principais eixos da Nova Rota da Seda, o corredor conecta a China ao mar mediterrâneo. A região é rica em recursos naturais, porém a falta de estrutura e a escassez de investimentos mina o desenvolvimento local. O objetivo da rota é facilitar a cooperação econômica e comercial impulsionando o desenvolvimento da região. Cooperação nos âmbitos de energia e transportes, são um dos eixos centrais da iniciativa.

Um dos projetos atrelados ao corredor China-Ásia Central-Ásia Ocidental é a criação de uma ferrovia de alta velocidade conectando Urumqi na China, Yining a Almaty no Cazaquistão, seguindo para Bishkek no Quirguistão, Tashkent e Samarcanda no Uzbequistão, Ashgabat no Turcomenistão, conectando-se por fim à rede da Ásia Ocidental através de Teerã, no Irã (CHINA DAILY, 2015). O corredor tem o potencial de transformar o comércio na região euroasiática, podendo levar a redução do tempo de transporte de bens entre Europa e Ásia para um total de apenas doze dias (CHANG, 2023).

Em 2020 o primeiro trem utilizando o corredor da Ásia Central chegou à China vindo da Turquia. Desde então a circulação de mercadorias utilizando essa rota cresceram rapidamente saindo de cerca de 350 mil toneladas para 530 mil entre os anos de 2020 e 2021. A invasão da Rússia à Ucrânia em 2022 impulsionou o uso do corredor, juntamente com as sanções aplicadas pelo Ocidente à Rússia, para os países da Ásia central era extremamente vantajoso possuir uma alternativa ao corredor norte dominado pela Rússia (CHANG, 2023).

Em suma, tais projetos refletem a ambição da China em promover a interconexão na região, A proposta capitaneada pela Nova Rota da Seda é incentivar à cooperação visando o desenvolvimento regional nos diversos âmbitos, gerando prosperidade aos países envolvidos para que juntos possam caminhar em direção a nova ordem global que se configura.

4.2. A Nova Rota da Seda: O delineamento de uma nova ordem

A Nova Rota da Seda é uma resposta chinesa a uma nova ordem global que se configura, ela representa uma visão estratégica da diplomacia chinesa a longo prazo (ARASE, 2015). Ao reforçar e amplificar a integração euroasiática, a China assume um papel de liderança e impacta diretamente a distribuição de poder do sistema internacional, a iniciativa tem o potencial de transformar as relações antes estabelecidas regional e globalmente (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

O potencial da Nova Rota da Seda como elemento transformador decorre do alinhamento das capacidades chinesas com a demanda dos países parceiros. A capacidade chinesa está pautada em três elementos principais. O primeiro deles é o enorme estoque de capital para financiamento, o país possui um relevante estoque de reservas internacionais. A indústria de base chinesa é um elemento crucial nessa equação, ela possui uma capacidade produtiva de altas proporções. Aliado a isso, tem destaque o impressionante *know-how* chinês no tocante a serviços de engenharia. Esse conhecimento tem sido crucial na exportação de serviços na área de infraestrutura, em especial na exportação de ferrovias de alta velocidade. Desse modo, as capacidades chinesas correspondem às necessidades primordiais dos seus parceiros: infraestrutura, transporte, comunicação e energia (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

A China busca promover a formação de uma nova arquitetura financeira internacional, pautada em novos padrões de cooperação, visto que após a crise de 2008, os padrões estabelecidos por Bretton Woods passaram a ser amplamente contestados. Dessa forma, a China propõe novos espaços de cooperação financeira, dentre eles pode-se citar o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), o Banco de desenvolvimento da China (CDB), o Banco de Desenvolvimento China-África (CADB), o Banco dos BRICS e o Fundo da Rota da Seda. Esses espaços representam mecanismos na construção de um sistema financeiro mais amplo e inclusivo, dado seu papel de extrema relevância no financiamento de projetos nos países em desenvolvimento. A China desafia a ordem econômica e financeira ao propor novos caminhos para a cooperação nesses âmbitos (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

Na esfera regional, a Nova Rota da Seda é o instrumento pelo qual a China se posiciona como liderança, através de uma ampla agenda de integração

econômica. Uma cadeia de produção regional se configura, na qual a China assume o papel central na manufatura avançada e inovação, estabelecendo os padrões a serem seguidos pelos outros países. A China demonstra interesse em se posicionar como um estabelecedor de padrões no cenário internacional. É notável o desejo chinês de se consolidar como uma economia baseada na inovação e líder em pesquisa e desenvolvimento (CAI, 2017). O país tem se utilizado da Nova Rota da Seda para dar curso a esse projeto, impulsionando a exportação de seus produtos de alta tecnologia através da iniciativa.

Por muito tempo o país era reconhecido como a fábrica do mundo, com o decorrer do seu desenvolvimento interno, vantagens comparativas como a oferta de mão de obra barata, começaram a desaparecer. Esse movimento levou o país a se voltar para o setor de produtos manufaturados de alto padrão. O governo chinês aposta no fato de que os mercados emergentes estariam mais abertos à recepção de seus produtos industriais de alto nível do que o mercado Europeu e Americano (CAI, 2017).

Um dos principais exemplos desse processo é o desenvolvimento do setor de ferrovias de alta velocidade e sua ampla exportação na Ásia. As ferrovias de alta velocidade representam o avanço tecnológico da indústria chinesa. O governo chinês mobilizou cerca de 10.000 cientistas e engenheiros no projeto de desenvolvimento de tecnologia nacional para a construção de tais ferrovias. Atualmente o país abriga mais de 50% das ferrovias de alta velocidade construídas no mundo (CAI, 2017).

As ferrovias de alta velocidade passaram a integrar a estratégia de inserção internacional do país, existe um forte marketing governamental ao redor do setor. Analistas apontam a existência de uma “diplomacia das ferrovias de alta velocidade” capitaneada pelo Premier Li Keqiang. O premier negociou pessoalmente a construção de ferrovias de alta velocidade chinesas com Tailândia, Índia, Indonésia e Malásia, países considerados um dos principais parceiros estratégicos da Nova Rota da Seda (CAI, 2017).

Figura 3 - Projetos de ferrovias de alta velocidade chinesa



Fonte: Cai, 2017

Entretanto, a China não está incentivando meramente a exportação de produtos de alto nível pela Nova Rota da Seda, mas também a disseminação de padrões chineses. Retomando o exemplo do setor das ferrovias de alta-velocidade, se os países da região adotarem a tecnologia ferroviária chinesa como seu padrão nacional, as ferrovias chinesas se tornariam o padrão em uma ampla extensão territorial o que garantiria aos fabricantes chineses uma considerável vantagem comparativa frente aos competidores (CAI, 2017).

Para além do setor de transporte, o governo chinês também visa a propagação dos padrões chineses em diferentes setores como energia e telecomunicações. Segundo Ruquan Lu, Diretor de estratégia e Desenvolvimento na Petrochina, uma das maiores corporações nacionais de petróleo e gás, defende que a China deveria usar seus investimentos em projetos de petróleo e gás nos países da região para promover os padrões da indústria petrolífera chinesa.

Baseado na experiência das grandes companhias petrolíferas internacionais americanas e europeias, controlar padrões significa ter vantagem em negociação, mais moeda de troca e melhor rentabilidade.

Controlar padrões é mais importante do que qualquer outra coisa¹¹ (Ruquan, 2016, p.11).

Dessa forma, evidencia-se o alinhamento da Rota Seda com os interesses de projeção internacional da China. O país apresenta aos seus parceiros uma alternativa ao status quo, promovendo um reordenamento da ordem vigente, onde a cooperação busca benefícios e desenvolvimento mútuos. A China compreende que o desenvolvimento de capacidades e a subsequente evolução regional são de seu interesse direto, considerando que ela se propõe a coordenar esse desenvolvimento.

Nesse sentido, destaca-se o foco da Nova Rota da Seda na construção de uma ampla rede de infraestrutura na região, abrangendo a edificação de portos, ferrovias, rodovias e até mesmo hidrelétricas. A China busca estabelecer uma rede de infraestrutura robusta, visto que o aprimoramento logístico tem impacto direto na integração geográfica, pois possibilita o desenvolvimento de corredores econômicos e favorece o fluxo de investimento. O papel crucial do desenvolvimento da infraestrutura reside na promoção da integração econômica, o que leva à ascensão da China, visto que a mesma se posiciona como líder desse processo (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017).

Embora a proposta chinesa busque promover um modelo inclusivo de cooperação, existem algumas resistências à Nova Rota da Seda. A construção da complexa infraestrutural tende a gerar conflitos, as principais razões são: a disputa por recursos naturais, os possíveis problemas ambientais e o ativismo de ONGS ambientais, sabotagem de grupos extremistas, instabilidade política de alguns países da região, crises econômicas e a insegurança frente a investimentos cujo retorno é de longo prazo (YIWEI, 2016). Outro fator relevante é a tentativa de Washington em conter o avanço chinês na região, com a repercussão dos projetos, os EUA tem buscado retomar sua posição na Eurásia. Todas essas questões são desafios a implementação da Nova Rota da Seda que são proporcionais ao tamanho e ousadia do projeto.

¹¹ Tradução livre. Original: Learning from the global experiences of the European and American large international oil companies, we can see that the standards refer to initiative, the right of speech, and profitability. There is nothing more important than to master these standards.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Arrighi (2010) o ciclo hegemônico americano se encontra em franco declínio. A expansão financeira propagada pelo ocidente culminou em uma das maiores crises econômicas globais. A crise de 2008 teve amplos impactos sobre o cenário mundial. Ela gerou um reordenamento do sistema abalando as estruturas do poderio americano. Com o desdobrar desse cenário, a hegemonia americana declinou consideravelmente, perdendo paulatinamente seus poderes de gerar coerção e consenso no sistema internacional. A perda relativa de poder americano abriu espaço para a ascensão de novos atores, em especial as potências de nível regional.

Nesse contexto, a China tem assumido um papel de liderança em âmbito regional e global, utilizando-se da pujança de suas capacidades, o país tem proposto uma nova forma de cooperação baseada na integração e desenvolvimento mútuos. Através da Nova Rota da Seda a China se utiliza de suas capacidades para oferecer aos seus parceiros o suprimento de suas demandas essenciais, com destaque para os investimentos na área de infraestrutura.

Através dos corredores econômicos, o país tem impulsionado o desenvolvimento de seus parceiros e conseqüentemente tem ampliado sua influência. Os diversos financiamentos e projetos chineses nas áreas de logística, comunicação e energia tem fortalecido a liderança da China ao passo que o poderio americano tem declinado consideravelmente.

No entanto, percebe-se que os avanços de Pequim não são desinteressados, a iniciativa é instrumentalizada de forma estratégica. Argumenta-se que a Nova Rota da Seda integra a estratégia de projeção internacional da China. A partir das instituições estabelecidas pela Nova Rota da Seda como o AIIB, o Banco de Desenvolvimento China-África (CADB) e o Fundo da Rota da Seda, Pequim procura desafiar a ordem econômica vigente.

A China também se utiliza da iniciativa para escoar seus produtos manufaturados de alto nível, além de disseminar seus padrões tecnológicos, criando uma cadeia de produção regional na qual a China assume o papel central. Atualmente o país ocupa posição de destaque no desenvolvimento de ferrovias de alta velocidade. A Nova Rota da Seda tem um papel fundamental na diplomacia chinesa.

A partir da análise minuciosa da iniciativa, percebe-se que ela é composta por diferentes mecanismos. A iniciativa é multifacetada se propondo a ser uma plataforma de cooperação, ao passo que contribui diretamente com a projeção internacional de Pequim. A Nova Rota da Seda é um projeto ambicioso e com grandes potencialidades, a iniciativa marca o delineamento de uma nova ordem internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARASE, David. China's two silk roads initiative: What it means for Southeast Asia. **Southeast asian affairs**, v. 2015, n. 1, p. 25-45, 2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44112796>. Acesso em 10 dez. 2023.

ARAÚJO, C. G. de; BRANDÃO, C. M.; DIEGUES, A. C. As transformações no modelo de desenvolvimento econômico chinês: De Deng Xiaoping ao período atual. **Revista Economia Ensaios**, Uberlândia, 2019. No prelo. DOI: 10.14393/REE-v33n1a2018-39517. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/39517>. Acesso em: 27 set. 2023.

ARRIGHI, GIOVANNI. **The Long Twentieth Century: Money, Power and Origins of Our Times**. London: Verso Books, 2010. 432 p.

ARRIGHI, GIOVANNI. **Adam Smith in Beijing: Lineages of the Twenty-first Century**. London: Verso Books, 2007. 432 p.

CAI, P. (2017). **Understanding China's Belt and Road Initiative**. Sydney: Lowy Institute, 2017. Disponível em: www.lowyinstitute.org/publications/understanding-belt-and-road-initiative#_ednref1. Acesso em 27/09/2023.

DE CASTILHO, Gabriel Barbosa. A Crise Financeira Internacional de 2008 como Resultado da Dinâmica do Eixo Sino-Americano de Acumulação | The 2008 International Financial Crisis as a Result of the Sino-American Axis of Accumulation's Dynamics. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, v. 10, n. 1, p. 59052, 2021.

CHANG, FELIX K. **The Middle Corridor Through Central Asia: Trade and Influence Ambitions**. Filadélfia: Foreign Policy Research Institute, 2023. Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2023/02/the-middle-corridor-through-central-asia-trade-and-influence-ambitions/>. Acesso em: 25 de Nov. de 2023.

LO, Chi. **China after the subprime crisis: opportunities in the new economic landscape**. 1. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010. 214 p.

YANPENG, Zheng. **New rail route proposed from Urumqi to Iran**. Beijing: Chinadaily, 2015. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/china/2015-11/21/content_22506412.htm Acesso em 25 de Nov de 2023.

CHOW, Daniel CK. China's response to the global financial crisis: Implications for US-China economic relations. **Global Bus. L. Rev.**, Cleveland, v. 1, p. 47, 2010.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz; SARDO, Igor Estima. OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO NA OBRA DE GIOVANNI ARRIGHI: A CRISE DE 2008, O FIM DA

HEGEMONIA NORTE-AMERICANA E A POSIÇÃO DA CHINA. **AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 11, n. 21, 2022.

FANG, Cai; YANG, Du; MEIYAN, Wang. Crisis or Opportunities: China's Response to the Global Financial Crisis. **The Perspective of the World Review**, v. 1, n. 1, dez. 2009.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. Transformações na estrutura produtiva global, desindustrialização e desenvolvimento industrial no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 37, p. 189-207, 2017.

JINPING, Xi. **The governance of China III**. 1.ed. Beijing: Foreign Languages Press, 2020. 636 p.

KNOTH, Eingereicht von Claus. **Special Economic Zones and Economic Transformation The Case of the People's Republic of China**. 2000. 251 p. Tese (Doutorado em economia) - Universidade de Constança, Constança. 2000.

LYRIO, C. Mauricio. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. 1.ed. Brasília: FUNAG, 2010. 252 p.

MORGENTHAU, J. Hans. **A política entre as nações, a luta pelo poder e pela paz**. Tradução: Oswaldo Biato. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2003. 1093 p.

NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION (CNRD). **Belt and Road Initiative Creates Remarkable Achievements**. Beijing: NDRC, 2020. Disponível em: <https://en.ndrc.gov.cn/netcoo/achievements/202105/t20210526_1280919.html> Acesso em 06 de Novembro de 2023.

OURIQUES, H. R. A ASCENSÃO DO LESTE ASIÁTICO: UMA SÍNTESE SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE GIOVANNI ARRIGHI. **Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 20, n. 2, jan. 2012. DOI: 10.4322/tp.v20i2.268. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/268>. Acesso em: 13 out. 2023.

PAUTASSO, Diego. China e Rússia e a integração asiática: O sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v.2, n.5, p.45-60, abr. 2011.

PAUTASSO, D.; UNGARETTI, C. . A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **ESTUDOS INTERNACIONAIS**, v. 4, p. 25-44, 2017.

LU, Ruquan. One Belt, One Road: China and the Oil Roads. **China Oil & Gas**, Beijing, v. 23, n. 3, p. 7-12, out. 2016.

SILVA, Cinthya Pozzer Nogueira da. **A reemergência da China no pós-crise econômica de 2008 e a reconfiguração do Sistema Internacional**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) - Faculdade

de ciências sociais e humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em:<https://run.unl.pt/handle/10362/130213>. Acesso em 23/09/2023.
CALHOUN, Craig; DERLUGUIAN, Georgi M. (Ed.). **Business as usual: the roots of the global financial meltdown**. New York: New York University Press, 2011. 312 p.

YIWEI, Wang. **The Belt and Road Initiative: What Will China Offer the World In Its Rise**. 1ed. Pequim: New World Press, 2016. p.220.

Zhang, Jie (Ed.). **China's Belt and Road Initiatives and Its Neighboring Diplomacy**. 1 ed. Singapore: World Scientific Publishing, 2015. 314 p.